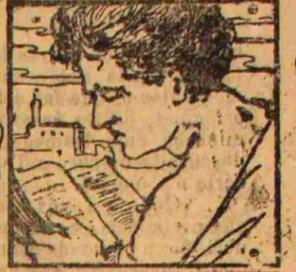




A AURORA



Camões

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Formosa 242-2.º — PORTO
RECURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACÇÃO PRINCIPAL — Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR — Mael Barboza

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 305 (50 reis); Semestre 530 (300 reis); Um ano 860 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso 301 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171 — PORTO — Telefone 73

SIGA A BICHA

ção, da justiça... Ambos se pretendiam provocados e agredidos, em estado de legítima defesa... ambos invocavam causas supremas e supremos princípios...

Mas seria aquilo bem verdade? Ou seriam todos, ele e os pobres como ele, joguete de interesses inconfessáveis e de castas prepotentes? Não ganhariam com a guerra unicamente os corvos — as aves negras — que se nutrem de cadáveres e os homens de rapina que vivem dos exércitos e dos armamentos, das conquistas e da exploração? Não haveria para os pobres apenas a miséria, como galardão da vitória ou quinhão da derrota?

Veio-lhe um grande acesso de revolta desesperada, irresistível, quasi inconsciente. E como que empurrado por uma força dominadora, poz-se a marchar através do descampado, ao acaso, sempre em frente.

Alto! Diante dele, parou um vulto no qual brilham metais. Um soldado inimigo! Uma sentinela avançada!

Não, não fará fogo! Agora, detesta a guerra fratricida, duplamente fratricida. O seu caso particular, que é um simbolo, iluminou-lhe o espirito. Não matará! Render-se: era a unica solução. Esperaria o fim da guerra e voltaria ao lar materno, onde talvez sua mãe chorasse já a perda do outro filho...

E avançou. O vulto avançou também.

— Rendo-me! Mas o vulto dissera o mesmo — e na mesma lingua, na mesma lingua materna.

— Rendo-me! Iam talvez vir-se da triste e cómica situação; mas não tiveram tempo. Os dois irmãos, disfarçados de inimigos, haviam se reconhecido pelo som da voz, e estavam nos braços um do outro, arquejantes, soluçando, rindo de ternura e de comoção, falando um ao outro a mesma lingua-gem de affecto.

Depois, num mesmo impulso, mutuos prisioneiros, atad's pelos laços do amor, os dois soldados empreenderam de braço dado a marcha forçada da libertação incerta e da sorridente esperança...

Ao longe, o vento amigo rasgava um farrapo de nuvens e descobria um pedaço de azul, em que scintilavam estrelas.

E todo o desampado lhes pareceu claro, como que iluminado pela sua luz interior...

NENO VASCO

O SALTIMBANCO

La Bataille Syndicaliste dirigida ao pantomimeiro da rectificação de pontarias as seguintes palavras:

«O Bom Deus, a Republica, a maçonaria, o socialismo, tudo isso no fundo é a mesma coisa», escreve com bonomia Gustavo Hervé.

Não é essa talvez a opinião dos republicanos e socialistas que as irmãs de caridade e os padres obsidiam nos hospitais militares para deles fazer católicos praticantes. Não é a opinião desses mesmos padres, que fazem uma propaganda infatigável com intuitos que não são de certo republicanos, nem a de Carlos Maurras, pagão mas católico por necessidade tradicionalista, nem a de Paulo Bourget, que nega com tamanha violência as «potências do futuro» e afirma sem descanso a permanencia dessas potências do passado que são a Igreja e o Exército. Não será a opinião de Gustavo Hervé, quando vir o resultado das campanhas religiosas e reacção. Verdade seja que o redactor da *Guerre Sociale* le arranjará tudo rectificando mais uma vez a pontaria.

A não ser que a rectifique no sentido nacionalista ou clerical, fazendo-se successor de Déroulède ou ajudante de ordens, de Drumont. Seria mais franco, mais claro — e mais proveitoso para os revolucionários, para que os trapulheiros não amigos de Pencha-

Palavras de ouro

São de um artigo do illustre escritor francês Romain Rolland os seguintes extractos, que encontramos em *La Bataille Syndicaliste*:

Como! vós típheis nas mãos tais riquezas vivas, esses tesouros de heroismo! Em que os empregais vós? Que escopo ofereceis vós á dedicação magnánima dessa juventude ávida de sacrificio? A chacina reciproca desses moços heróis! A guerra europeia, essa pelega sacrilega, que oferece o espectáculo duma Europa demente, subindo á fogueira e dilacerando-se por suas mãos, como Hércules!

Assim, os três maiores povos do Ocidente, os guardas da civilização, encarniçam-se na sua ruína e chamam em seu socorro os cossacos, os turcos, os japoneses, os cingaleses, os sudaneses, os senegaleses, os marroquinos, os egípcios, os sírios e os cipaios, os bárbaros do pólo e os do equador, as almas e as peles de todas as côres! Dir-se-ia o império romano, no tempo da Tetrarquia, fazendo apêlo, para se devorar, ás ordas do universo... Está então tam sólida a nossa civilização, que não receais abalar-lhe os pilares? Pois não vêdes que, se ruir apenas a na columna, tudo desabará sobre vós? Pois não era possível terdes conseguido, se não estimar-vos, pelo menos suportar cada um as grandes virtudes e os grandes vícios do outro? E não deveríeis ter-vos aplicado a resolver duma espirito de paz (nem sequer o tentastes sinceramente) as questões que vos dividiam — a dos povos anexados contra sua vontade — e a repartição equitativa entre vós do trabalho fecundo e das riquezas do mundo? Há-de o mais forte sonhar perpetuamente com fazer pesar sobre o outro a sua sombra orgulhosa, e há-de os outros perpetuamente unir-se para o derribar? Esse jôgo pueril e sangrento, em que os parceiros mudam de lugar todos os séculos, não terá jamais fim, até á exaustação completa da humanidade?

Bem sei que os chefes de Estado, autores criminosos dessas guerras não ousam aceitar a responsabilidade delas; cada um deles se esforça velhacamente por lançar esse peso para cima do adversário. E os povos que os seguem dóceis, resignam se dizendo que um poder maior que os homens tudo conduzia. Mais uma vez se ouve o secular estribilho: «Fatalidade da guerra, mais forte do que qualquer vontade» — o velho estribilho dos rebanhos, que da sua fraqueza fazem um deus e que o adoram! Os homens inventaram o destino, afirm de lhe atribuir as desordens do universo, que eles tem o dever de governar. Não existe fatalidade! A fatalidade é o que nós queremos. E mais amiude é também o que não queremos bastante. Faça cada um de nós neste momento o seu *mea culpa*! Esse escol intelectual, essas Igrejas, esses partidos operários não quiseram a guerra... Sejal! Que fizeram eles para a impedir? Que fazem eles para a atenuar? Atacam o incêndio; todos lhe levam o seu feixe.

... Não são sómente as paixões de raça que lançam cegamente milhões de homens uns contra os outros, como formigueiros, sentindo-lhes o perigoso calafrio os próprios países neutros; e a razão, a fé, a poesia, a sciência, são todas as forças do espirito que estão arregimentadas, seguindo em cada Estado os exércitos. No escol de cada país, não há quem não proclame convictamente que a causa do seu povo é a causa de

Deus; a causa da liberdade e dos progressos humanos. E eu também o proclamo...

... Mas as duas potências morais cuja fraqueza esta guerra contagiosa mais revelou são o cristianismo e o socialismo. Esses apóstolos rivais do internacionalismo religioso ou leigo mostraram-se de súbito os mais ardentes nacionalistas. Hervé pede que o deixem morrer pela bandeira de Austerlitz. Os puros depositários da pura doutrina, os socialistas alemães, apoiam no Reichstag os créditos para a guerra, põem-se ás ordens do ministério prussiano, que se serve dos jornais deles para espalhar as suas mentiras até nas casernas e que os expede, como agentes secretos, para procurarem aliciar o povo italiano. Por um instante, julgou-se, para honra da sua causa, que dois ou três deles se tinham feito fuzilar, recusando pegar em armas contra seus irmãos. Protestam, indignados: marcham todos de espingarda em punho. Não; Liebknecht não morreu pela causa socialista: foi o deputado Frank, o principal campeão da união franco-alemã, que caiu sob as balas francasas, pela causa do militarismo. Porque esses homens, que não tem coragem de morrer pela sua fé tem a de morrer pela fé dos outros.

Quanto aos representantes do príncipe da paz, padres, pastores, bispos, é aos militares que eles vão praticar na chacina, de carabina em punho, a palavra divina: «Não matarás» e «amai-vos uns aos outros».

... Vamos, voltemos a nós! Sejam quais forem a natureza e a virulência do contágio — epidemia moral, forças cósmicas — não é possível resistir-lhes? Combate-se uma peste, lutamos mesmo para fazer face aos desastres dum tremor de terra. Ou havemos de nos inclinar, satisfeitos, diante deles, como o estadista Luigi Luzzatti, em seu famoso artigo: «No desastre universal triunfam as pátrias»? Havemos de dizer com êle que, para compreender «esta verdade grande e simples», o amor da pátria, é bom, é salutar que «se desencadeie o demónio das guerras internacionais, que ceifam milhares de seres»? O amor da pátria só pode então florir no ódio das outras pátrias e na chacina dos que se entregam á defesa delas? Há nessa proposição um feroz absurdo e não sei que dilettantismo neroniano, que me repugnam, que me repugnam até ao fundo do meu ser. Não, o amor da minha pátria não quer que eu odie e mate as almas piás e fiéis que amam as outras pátrias. Quer que eu as honre e procure unir-me a elas para nosso bem comum.

Vós, cristãos, para vos consolar da vossa traição ás ordens de vosso Mestre, dizeis que a guerra exalta as virtudes do sacrificio... Mas não haverá melhor emprego para a dedicação dum povo do que a ruína dos outros povos? E não pode um homem sacrificar-se, cristão, sem consigo sacrificar o próximo? Bem sei, pobre gente, que muitos de vós de melhor vontade oferecem o seu sangue do que deramam o dos outros... Mas no fundo, que fraqueza! Confessai, pois, que vós, que não tremais diante das balas e lanternetas, tremais ante a opinião submetida ao idolo sangrento, mais alto do que o tabernáculo de Jesus: o cioso orgulho de raça! Cristãos de hoje, não seríeis capazes de ter recusado o sacrificio aos deuses da Roma imperial. O vosso papa Pio X morreu de dor, dizem, ao ver estalar esta guerra. Como se fosse isso o que urgia fazer!... O Júpiter do Vaticano, que predigalizou os seus

Alanceados com os arrebiques do estilo, os incomparáveis jornalistas das gazetas diárias de parceria com os inflamaçõs oradores da retórica oficial, não perdem a mínima pitada. Todos os momentos se lhes apresentam propícios para engrandecer em a intervenção armada de Portugal na conflagração europeia.

Gritando como abrefícios, gesticulando como abelhudos, folheiam as páginas enodoadas de quantos alfarábios conhecem, socorrem se do nome de quantos prosadores circulam no seu cérebro, — muito parecido com um armazem de retem, — valem se de quantos exemplos a sua fecunda imaginativa fotofóbica pode engendrar, e matamos o bicho do ouvido em fazer-nos crer que estão cheinhos de razão, e que suas palavras encerram a verdade pura e cristalina das coisas.

Assim, não trepidam em afirmar que eles, e só eles, é que sabem tudo. Proclamando-se, impudicamente, os orientadores das massas, as cabeças pensantes das grandes multidões, os concededores profundos dos seus interesses futuros, semelhantes criaturas, á laia dos charlatães de feira, impam das tisanas e á fina força que quem vendê-las como remédio infalível.

E a autoridade intelectual com que fazem essa venda, cresce na razão directa dos diplomas que tem lá por casa. Tantos anos de estudo numa escola primária ou secundária, passaram a ser, pelo visto, garantia segura para não se cair nas malhas da repulsa popular. Por isso dizem o que lhes aprez, incitam o sentimento patrioteiro dos ignorantes e dos tímidos, criticam acerbamente as considerações sensatas dos que se horrorizam ao ver os seus irmãos verterem o seu sangue precioso numa causa que não lhes pertence, açulam os ódios da besta humana, aconselham a pandestrução de tudo quanto lhes for adverso e cantam hinos de glória aos que seguem á risca as suas atribulárias determinações.

Mas esta campanha insolente, desvairada, cáotica, destemida e sem tino, terá, ao menos, algum fim útil aos produtores de toda a riqueza social? Não. Essa campanha é uma campanha encoberta, cujo fim é defender á outrance os interesses dos capitalistas, dos financeiros, dos industriais, dos comerciantes, da casta militar. Essa campanha é uma campanha de profetas a soldo, de toupeiras daninhas, de desalmados que para se tornarem notados, para legarem um nome á posteridade afixado á esquina duma viela, duma rua, duma praça ou no interior duma escola, dum museu, não sentem a menor repugnancia em venderem a sua consciencia por uns míseros centavos.

Para eles, desgraçadamente, o dinheiro é tudo. E como quem o possui tem interesses ligados á guerra, toca a fazer-lhes a vontade. Nada de reflexões. A reflexão conduz o homem a distinguir o bem do mal. E como a guerra é um mal, um mal terrível e destruidor das vidas humanas, o *dever* que lhes assiste é, por todos os meios, emmananharem as coisas de tal forma que o povinho, os basbiques aceitem os seus juizos como géneros inalteráveis, como projectos que hão-de ser cumpridos rigorosamente.

Neste caso, o célebre aforismo — *magister dixit* — tem todos os visos de verdade. A provocação partiu deles; mas como são manhosos, como são calculistas, dizem-se abarbados com trabalhos e responsabilidades familiares e impellem os outros para os tenebrosos campos da chacina...

Quereis uma prova? No dia 23 o parlamento e o senado votaram a «nossa» beligerancia. Parece que em boa logica, as criaturas que o compoem é que deviam dar o salutar exemplo de empunharem as armas e avançar para dar combate ás hostes do barbarismo teutónico. Mas qual quê, qual carapuçal. Fecharam-se em copas. Apenas um tal Granjo se ofereceu para... auditor dos tribunais de guerra, que, como se sabe, sempre funcionam a muitas léguas de distancia do teatro das operações.

Lutar com as armas na mão, despedaçar a carcassa, ficar sem braços e sem pernas, esmigalhar o cráneo de encontro a uma muralha d'aço, sofrer os rigores do frio, passar fome e miséria, isso só fica bem aos desgraçados ilotas, as infelizes párias, que, na dolorosa e trágica existencia não conhecem senão sofrimentos e dores, canceiras e tristezas.

E é a essas vítimas do meio social, a esses braços que são tam necessarios á vida, a essas criaturas que edificam palácios e vivem em choupanas, que tecem brocados de ouro e andam cobertos de farrapos, que arroteiam os campos fazendo-os produzir a messe bendita e que arrebetam de lazeira, a esses, é que querem impelir para essa guerra sangrenta, cheia de pragas e maldições, elaborada para defeza, acima de tudo, dos altos interesses capitalisticos...

Mas não desanimem, senhores jornalistas e senhores palradores officiais. Continuem. Siga a bicha. Que as vossas palavras abarrotadas de veneno, os vossos gestos ridículos, dão-me a impressão de que vos assemelhais aos carreijões á espera da esportula, depois do trabalhinho feito...

ALFREDO GUERRA

Entre irmãos...

Naquele lugar solitário e triste, onde o tinham posto de sentinela, o soldado meditava. No céu encoberto não luzia uma estrela; em frente, era o descampado silencioso e tétrico; atrás, ficava o acampamento, onde repoisavam por terra, embrulhados nos capotes, milhares de homens fatigados...

E o soldado meditava. Trágica situação a sua... Quando criança, morrera lhe o pai, e sua mãe casara com um estrangeiro, seguindo-o para a patria dele, onde dera á luz um segundo filho. Depois, no-

vamente viuva voltára á terra natal com os rapazes.

E veio a guerra monstruosa. Os dois irmãos, que tanto se amavam, haviam partido passivamente para a chacina, todos imbuídos, desde a escola, de patriotismo guerreiro. Soldados de pátrias inimigas, militavam em exércitos opostos. Dentro de poucas horas, travar-se-ia uma grande batalha: os dois irmãos iam talvez defrontar-se...

E o soldado, de arma em descansa, meditava.

E depois para quê? A que sacrificava ele o seu grande amor de filho, o seu grande amor de irmão? Os dois governos, os dois Estados diziam-se ambos defensores da liberdade, da civiliza-